

seado doce, cheio de lamê, que lhe deu tanto sucesso. Mas este seu disco tem algo mais. Há muito tempo não se gravava um LP com tanto clima de fim de noite. E isso, além das baladas tristes de Manilow, se deve à soberba *performance* do grupo que o acompanha, com destaques óbvios para o aveludado sax-barítono de Gerry Mulligan, o soturno baixo de George Duvivier, as vassourinhas geniais do baterista Shelly Manne, a guitarra plangente de Mundell Lowe. As faixas não têm interrupção e foram gravadas em apenas 48 minutos. O clima de *jam session* continua com as participações de Mel Tormé e de Sarah Vaughan, esta em *Blue*, a melhor música do disco, um dueto em que "Sassy" estraçalha o dono da festa.

Geraldo Galvão Ferraz▲

## Gostosa bobagem dançante

FRED SCHNEIDER & THE SHAKE SOCIETY

● Com Fred Schneider. LP WEA

Fred Schneider é o hilário vocalista do grupo inglês B-52's. Como o conjunto está há um ano e meio sem lançar discos, ele formou esta "sociedade do balanço" para não perder o *hip* e, ao mesmo tempo, soltar algumas letras suas não gravadas. Schneider tem obsessão por discos voadores e assuntos interplanetários. São letras e melodias engraçadas, bobas mesmo, feitas com a única intenção de divertir e provocar a vontade de dançar. Para não seguir uma linha muito B-52's, a do *new wave*, ele aderiu ao *funk*, como em *It's Time to Kiss*, em que faz dueto com Patti Labelle. Há também a conga/rumba *Boonga* (*The Caveman from New Jersey*).

O maior destaque do disco, porém, é a saltitante *Monster*, uma jóia de bobagem que tem letra cheia de segundas intenções: "Há um monstro em minha calça/ que faz uma dança obscena/ quando ele se move para dentro e para fora/ todo mundo começa a gritar". Esta coletânea de bobagens dançantes começou a ser gravada em fins de 1983 e, originalmente, seria uma espécie de *Party Mix* — o maior sucessão do B-52's — com seis faixas *non-stop*. Transformou-se num LP de nove músicas, com espaços entre elas, sem o balanço sísmico do modelo bem-sucedido e pecando por ter canções muito longas e repetitivas. Mas *Fred Schneider & The Shake Society* já tem seu espaço garantido em festinhas e danceterias.

Tom Leão▲

## ARTE

### Com surpresa e emoção

SÉRGIO CAMARGO

● Gabinete de Arte Raquel Babenco. São Paulo

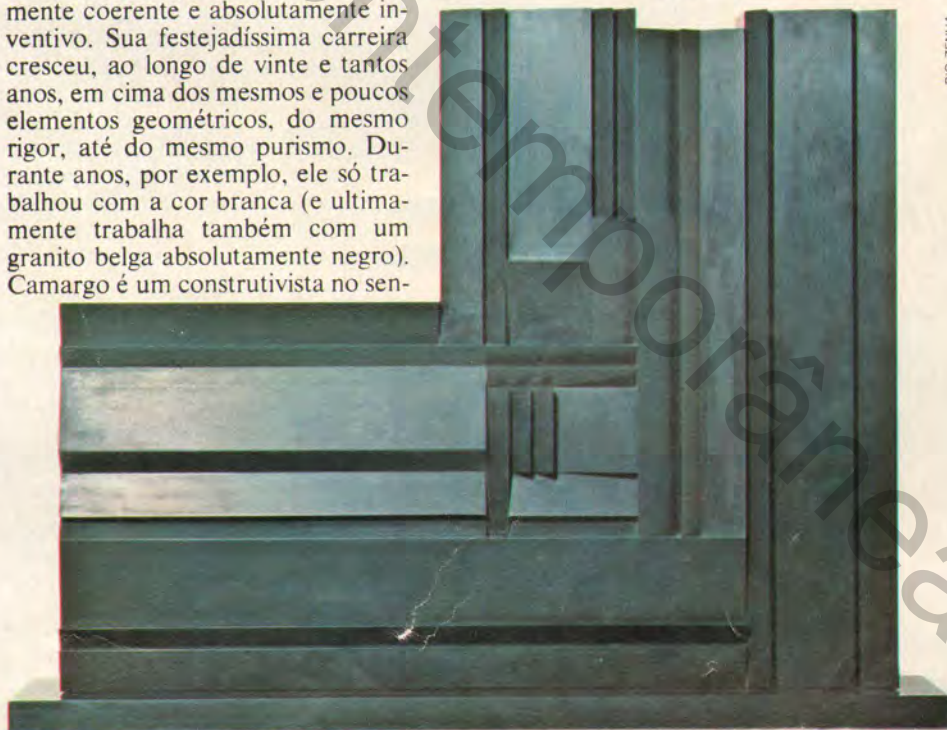
Há nove anos, Sérgio Camargo, depois de viver quinze na Europa, voltou para o Brasil. Desde então, gesta suas esculturas numa grande chácara-ateliê em Jacarepaguá, no Rio, e vende boa parte delas aqui mesmo. Mas a execução das peças continua na Europa. A cada ano e meio, aproximadamente, quando há um conjunto de idéias que não dá mais para segurar, ele voa para a Itália e se instala em Carrara. Tem um ateliê dentro de uma marmoraria e em dois meses realiza mais do que seria possível em um ano no Brasil. Antes de mais nada, porque não há, aqui, marmoraria que queira interromper sua linha de produção para ficar cortando cilindros e cubinhos a serviço de um senhor obsessivo, que irá conferir cada centímetro e ângulo. E é de cilindros e cubinhos — para falar candidamente — que ele extrai toda sua obra — e sua magia.

Pois se trata, inegavelmente, de um mago, capaz de virtuosismos formais que ninguém poderia apenas logicamente explicar. Camargo, carioca de 54 anos, é um caso exemplar de artista absolutamente coerente e absolutamente inventivo. Sua festejadíssima carreira cresceu, ao longo de vinte e tantos anos, em cima dos mesmos e poucos elementos geométricos, do mesmo rigor, até do mesmo purismo. Durante anos, por exemplo, ele só trabalhou com a cor branca (e ultimamente trabalha também com um granito belga absolutamente negro). Camargo é um construtivista no sen-

tido mais radical desse rótulo. Mas, quem sabe se por ser brasileiro e carioca, nunca é frio, cerebral, apenas programático. Seus volumes costumam jogar com a luz e com o espaço a seu redor e nunca perdem a leveza, mesmo quando se tornam majestosos e totêmicos. Esse é, aliás, um outro segredo inexplicável da grande escultura em qualquer época: tratar a pedra com tal sensorialidade que ela dá a impressão de ser dócil e até cálida ao toque.

Para esta impecável exposição, Sérgio Camargo reuniu quinze peças dos últimos três anos, que serão vendidas aqui pelo equivalente em cruzeiros de seus preços internacionais: de 6 mil a 16 mil dólares, ou 30 a 80 milhões de cruzeiros (e há mercado). Existe inegável variedade entre elas — mas, como queriam os gregos clássicos, essa variedade se processa rigorosamente dentro da unidade. Os problemas formais tratados são sempre os mesmos: cilindros que se interceptam em diagonais, cubos que se vazam e se deslocam nas arestas uns dos outros, módulos com ângulos chanfrados que resultam em construções de arquitetônica nobreza. Mas tudo se faz com a intuição, e não como uma tese a demonstrar. O escultor vai aglutinando os seus módulos e no próprio processo vai tendo outras idéias. O resultado adquire, no todo e em cada parte, surpresa e emoção. E o escultor se renova, embora permanecendo fiel a cada detalhe e momento de si mesmo.

Olívio Tavares de Araújo▲



Peça em granito: uma das mais caras da mostra (80 milhões de cruzeiros)

BIO ZENHA